

A BIBLIOGRAFIA ARQUIVÍSTICA NO BRASIL – ANÁLISE QUANTITATIVA E QUALITATIVA

Alexandre de Souza Costa
alexandresouzacosta@gmail.com
UNIRIO

Resumo

Conceitua livro, manual, comunicação científica e divulgação científica, considerando o contexto da bibliografia arquivística no Brasil entre 1960 e 2006. Mapeia quantitativamente a produção, a tradução e a edição de livros sobre Arquivística no Brasil. Estabelece a diferença entre os livros identificados, classificando-os como manuais e não-manuais. Entende que a produção bibliográfica arquivística no Brasil deve ser considerada um elemento importante para se identificar o estágio em que se encontra a construção do conhecimento da disciplina no país.

Palavras-chave: Bibliografia Arquivística no Brasil, Livros, Manuais, Arquivística.

Abstract

This article defines book, manual, scientific communication and scientific popularization, considering the bibliography of the Archival science produced in Brazil from 1960 to 2006. It identifies, quantitatively, the production, the translation and the edition of books on Archival science in Brazil, and also classifies the books as manuals and not-manuals. It understands that the bibliographical production in Archival science in Brazil is an important element that shall be considered in order to know the development of the discipline in the country.

Keywords: Archival Bibliography in Brazil, Books, Manuals, Archival Science.

INTRODUÇÃO

Este artigo é parte de uma pesquisa monográfica apresentada como trabalho de conclusão de curso de graduação em Arquivologia da UNIRIO em 2006 e foi desenvolvida na busca de conhecer melhor algumas questões relativas à produção, edição e tradução de livros sobre a Arquivística no Brasil. Considerou-se como marco inicial a primeira tradução para o Português do livro “Handleing voot het ordenen en beschreijven van archieven”, realizada pelo Arquivo Nacional, em 1960. Este livro ficou conhecido em nosso país como “Manual de arranjo e descrição de arquivos” ou simplesmente “Manual dos Holandeses”.

O tema da pesquisa surgiu a partir da identificação de certo consenso entre autores brasileiros que afirmam ser escassa a literatura arquivística nacional. Entre outros, podemos citar Jardim (1995, p. 49): “A escassa literatura arquivística nacional (...)”; e, Bellotto (2004, p. 14): “(...) é escassa a literatura nacional sobre arranjo e descrição (...)”.

Partindo dessas referências, o objetivo da pesquisa foi levantar dados sobre a produção, tradução e edição de livros na área, identificar como isto se deu e o que foi editado ao longo de 46 anos. A compreensão dessa circunstância e a posse de dados minimamente confiáveis sobre o assunto podem ser entendidos como elementos capazes de contribuir para a construção do conhecimento científico da Arquivística no país. Buscou-se também verificar, entre as obras encontradas, quais poderiam ser classificadas como manuais e não-manuais.

O levantamento quantitativo foi realizado em quatro bibliotecas públicas na cidade do Rio de Janeiro – Biblioteca do Arquivo Nacional, Biblioteca do Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, Biblioteca da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e Biblioteca do Centro Cultural Banco do Brasil – e na *Internet*, considerando apenas os livros publicados no Brasil entre os anos de 1960 e 2006. Qualitativamente, a classificação dos livros como manuais e não-manuais baseou-se nos respectivos títulos e conteúdos. Optou-se, neste artigo, por apresentar os detalhes metodológicos utilizados na pesquisa imediatamente antes de apresentar os resultados obtidos, com o objetivo de facilitar a leitura e a compreensão do trabalho.

A DIVULGAÇÃO E COMUNICAÇÃO CIENTÍFICAS

Nas circunstâncias desta pesquisa, a relação entre a produção da pesquisa científica e a sua comunicação torna-se incontornável. Em comunicação apresentada no XVI Encontro de Informação em Ciências da Comunicação (ENDOCOM) Karina Galdino aponta que existem meios pelos quais a produção científica se dá, como: “(...) as leituras específicas, da obtenção de dados empíricos e do relato dos resultados, que obedece a regras estabelecidas e

controladas, possibilitando que outros pesquisadores possam compreender e reproduzir os resultados obtidos”. No entanto, Castro *apud* Jardim (1999, p. 99) alerta que “Produzir pesquisa é uma coisa, publicar é outra. Não obstante, qual o significado de uma atividade científica que mais adiante não é escrita e comunicada?”.

A divulgação científica, ou “popularização da ciência”, é um termo utilizado para caracterizar atividades que buscam fazer uma difusão do conhecimento para públicos não especializados. Segundo Loureiro (2003, p. 91)

“(…) a divulgação científica constitui-se no emprego de técnicas de recodificação de linguagem da informação científica e tecnológica objetivando atingir o público em geral e utilizando diferentes meios de comunicação de massa”. Gonzalez *apud* Loureiro (2003, p. 91) concebe a divulgação científica como a “(…) comunicação entre ciência e sociedade”.

Bueno *apud* Loureiro (2003, p. 91) considera como instrumentos da divulgação científica:

“(…) os jornais e revistas, mas também os livros didáticos, as aulas de ciência do 2º grau, os cursos de extensão para não especialistas, as estórias em quadrinhos, os suplementos infantis, muitos dos folhetos utilizados na prática de extensão rural ou em campanhas de educação voltadas, por exemplo, para as áreas de higiene e saúde, os fascículos produzidos por grandes editoras, documentários, programas especiais de rádio e televisão etc”.

Para Albagli (1996, p. 397) “O papel da divulgação científica vem evoluindo ao longo do tempo, acompanhando o próprio desenvolvimento da ciência e tecnologia. Pode estar orientada para diferentes objetivos, tais como: educacionais, cívicos e mobilizações populares”.

Nota-se a relevância da divulgação científica no que diz respeito ao *status* de conhecimento que uma comunidade formada por cidadãos comuns pode atingir através dessa possível recodificação da linguagem científica. Além disso, esse conhecimento exerce o poder de inserir a população em assuntos pouco difundidos através de diferentes canais de comunicação como o rádio, a televisão, os folhetos explicativos, os jornais, as revistas especializadas.

Por sua vez, Oliveira (2005, p. 34) observa que a “A comunicação científica é um processo inerente ao fazer científico, e sua relevância sempre foi reconhecida pelos cientistas que, ao longo dos tempos, instituíram diferentes canais de intercâmbio”.

De fato, a comunicação científica é importante indicador do estágio de desenvolvimento de uma área do conhecimento, pois possibilita, entre outros aspectos, a

verificação e análise da comunidade científica na qual foi realizada. “O processo da atividade científica é dependente de uma comunicação eficaz”, como disseram Mendes e Marziale¹.

Entre os produtos e recursos da comunicação científica o livro tem papel de destaque.

O LIVRO

Em 30 de outubro de 2003 foi sancionada no Brasil a Lei 10.753 conhecida como a “Lei do Livro”. Em seu artigo 1º, no parágrafo II o livro é expresso como:

“O meio principal e insubstituível da difusão da cultura e **transmissão do conhecimento**, do fomento à pesquisa social e científica, da conservação do patrimônio nacional, da transformação e aperfeiçoamento social e da melhoria da qualidade de vida” (BRASIL, Lei nº 10.753, de 30 de outubro de 2003, grifos nossos).

Em seu 2º artigo, a Lei 10.753 define livro da seguinte forma: “Considera-se livro, para efeitos desta Lei, a publicação de textos escritos em fichas ou folhas, não periódica, grampeada, colada ou costurada, em volume cartonado, encadernado ou em brochura, em capas avulsas, em qualquer formato e acabamento”.

É importante observar a presença na definição do Art. 1º que há uma relação direta do livro com a cultura e com o conhecimento científico, quando, inclusive, frisa o caráter de transmissor do conhecimento, ou seja, o livro é um instrumento de intelectualidade e através dele é possível obter esse conhecimento e igualmente possibilitar aperfeiçoamento individual e social. Diante disto, é importante salientar o que disse Chartier et al. (1995, p. 106): “O livro é símbolo de todos os poderes”.

O Novo Dicionário Aurélio (Ed. Eletrônica, 2004) define “livro” da seguinte forma:

1. Reunião de folhas ou cadernos, cosidos ou por qualquer outra forma presos por um dos lados, e enfeixados ou montados em capa flexível ou rígida.
2. Obra literária, científica ou artística que compõe, em regra, um volume.
3. Seção do texto de uma obra, contida num tomo, e que pode estar dividida em partes.
4. Documento. Publicação não-periódica impressa com, no mínimo, 49 páginas, excluídas as capas.

Por sua vez, a UNESCO², define livro assim:

¹ Disponível em www.scielo.br/pdf/rlae/v10n3/13336.pdf “Revista Latino-am Enfermagem 2002, acesso em 28 de agosto de 2006.

² “**Book**: Non-periodic printed publication of at least 49 pages exclusive of the cover pages, published in the country and made available to the public.” Disponível em http://www.uis.unesco.org/ev.php?ID=5096_201&ID2=DO_TOPIC, acessado em 23 de maio de 2007.

“Publicação impressa não-periódica com até 49 páginas excluindo as capas, publicado no país e disponível ao público.” (Tradução nossa)

A Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) define livro como:

“Publicação não periódica que contém acima de 49 páginas, excluídas as capas, e que é objeto de Número Internacional Normalizado para Livro (ISBN)”.

Assim, a identificação do que seja um livro (em que se baseou esta pesquisa) envolve, a partir dos conceitos utilizados, características como o número de páginas, o conteúdo, o formato, e a publicação não-periódica.

Em relação à classificação dos livros em manuais e não-manuais observamos que o termo manual vem do grego *manuale* e, segundo a edição eletrônica do Dicionário Aurélio (2004), manual é: “Livro que traz noções essenciais sobre uma matéria”. Já o Dicionário de Sinônimos e Antônimos Houaiss por seu turno, define manual como: “Compêndio: compilação, epítome, guia, tratado”.

A definição utilizada atualmente pela enciclopédia livre *Wikipédia* é a seguinte: “Manual é um livro ou um folheto que ensina a operar um equipamento, um objeto, um software ou uma ferramenta³”. Usamos a expressão “define atualmente” porque os textos contidos nessa enciclopédia virtual podem ser acrescentados pelos seus usuários mediante aprovação de uma nova conceituação em sua base de dados desde que não desvirtue o conceito que está exposto. Portanto, não será um sobressalto se acessarmos a *Wikipédia* novamente e a definição de manual ter sido acrescentada ou diminuída.

O “Manual do Aluno⁴” do curso de Administração da Faculdade Pe. João Bagozzi, localizada no Estado do Paraná, define manual da seguinte forma (2004, p. 3):

Um manual pretende ser um guia, um roteiro para orientar procedimentos, atitudes, comportamentos, enfim, diante de situações preestabelecidas. Além disso, um manual pretende servir como forma de orientação no momento de esclarecer aquelas dúvidas que são mais freqüentes e comuns no dia-a-dia das pessoas e Instituições.

E completa (2004, p. 3):

“Por ser algo que representa a ‘vida orgânica’ de uma instituição, um manual é algo passível de mudanças que visam refletir aprimoramentos, melhorias, atualizações ou quaisquer modificações que representem

³ Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Manual>, acessado em 05 de dezembro de 2006.

⁴ Disponível em http://www.bagozzi.com.br/pub/publicacoes/1109860637_manualalunocursoadministracao.pdf, acessado em 1º de junho de 2007.

evolução. (...) O aprimoramento de um manual decorre das transformações que são inerentes aos grupamentos sociais”.

Malheiro da Silva e outros, em seu livro “Arquivística – teoria e prática de uma ciência da informação”, consideram os manuais de Arquivologia como: “meros compêndios de um saber cristalizado”. (2002, p. 18).

É importante constatar que apesar de algumas publicações de Arquivologia terem recebido em seus títulos a expressão “manual”, não foi encontrada a definição dessa expressão nos três dicionários brasileiros de terminologia arquivística consultados:

- Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística, publicado pelo CENADEM em 1990;
- Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística, publicado pela AAB-SP em 1996;
- Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística, publicado pelo Arquivo Nacional em 2005.

Além disso, foi pesquisada na *web* através do sistema de busca do *Google* em diversos sites a definição do termo “manual”. Foram lançadas as seguintes frases para essa pesquisa: O que é um manual? / O que são manuais? / Definição de manual / A importância dos manuais / Manual. O que foi possível perceber é são raras as definições para “manual” e que não há um consenso do que vem a ser um manual.

A expressão foi também pesquisada junto à Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) por mensagem eletrônica e contatos telefônicos com as filiais do Rio de Janeiro e São Paulo, que informou não existir entre suas normas a definição de manual.

Dessa forma, entendemos que os manuais – de acordo com as definições encontradas – possuem as características como:

- Noções básicas acerca de uma disciplina ou arte;
- Pode ser usado como um guia para procedimentos estabelecidos previamente.

Isto posto, é necessário salientar que os referenciais adotados para classificar as obras referidas neste trabalho como manuais ou não-manuais são de responsabilidade do autor deste artigo e poderão, portanto, ser questionados, dependendo de outras leituras ou abordagens diferentes. A própria concepção que a área tem do que seja um Manual de Arquivologia poderá vir a ser objeto de uma outra pesquisa. No caso específico, entende-se que os critérios ora adotados atendem aos objetivos traçados nesta pesquisa.

A PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA NA ARQUIVÍSTICA BRASILEIRA

Diante do exposto acima, esta pesquisa procurou identificar apenas os livros publicados, editados e traduzidos no Brasil, a partir da primeira tradução publicada no país do “Manual dos Holandeses”, feita pelo Arquivo Nacional em 1960. A escolha desse marco inicial de nossa pesquisa parte do que Malheiro da Silva e outros (2002, p. 115) sugerem:

“O facto que pode ser considerado um marco na evolução da Arquivística, por ter aberto uma nova era para a afirmação da disciplina, foi, sem dúvida, a publicação em 1898 do manual de Muller, Feith e Fruin, (...)”.

O Manual dos Holandeses foi importante no processo de rompimento paradigmático da disciplina Arquivística que até então era considerada como uma disciplina auxiliar da História. Além disso, essa obra iniciou o processo de análise da área sob o prisma epistemológico, com a definição do conceito de arquivo e de Arquivologia e a produção de manuais que colaboraram para a implantação de normas institucionais. (Malheiro da Silva *et al.*, 2002, p. 115)

Assim delimitado o marco temporal da pesquisa, foram visitadas quatro bibliotecas públicas na cidade do Rio de Janeiro, entre os meses de setembro e novembro de 2006: Biblioteca do Arquivo Nacional, Biblioteca do Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, Biblioteca Pública da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e Biblioteca do Centro Cultural do Banco do Brasil. Paralelamente, buscou-se na *Internet* a identificação de outros livros que por ventura não constassem dos acervos das bibliotecas acima referidas.

Para a realização da pesquisa na biblioteca do Arquivo Nacional e na biblioteca do Centro Cultural Banco do Brasil foi feito um levantamento na base de dados da instituição e uma consulta aos bibliotecários. No Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro foram consultadas as fichas catalográficas da biblioteca com o auxílio de um bibliotecário e de um estagiário de Biblioteconomia. Na biblioteca da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, foi solicitado o auxílio de uma bibliotecária e feita uma consulta nas fichas catalográficas.

Quanto à pesquisa feita na *internet* foram procuradas publicações nos *sites* das instituições arquivísticas tais como: Arquivo Nacional, Associação dos Arquivistas de São Paulo, Associação dos Arquivistas Brasileiros, biblioteca da Fundação Getúlio Vargas, e também no *site* de busca *Google* com os seguintes termos: livros de arquivologia / manuais arquivísticos / manuais de arquivologia.

Em síntese, os critérios utilizados para a configuração da lista abaixo, de acordo com o exposto anteriormente, foram:

- Todas as obras terem mais de 49 páginas;

- Terem sido publicadas, editadas e/ou traduzidas no Brasil;
- Terem sido publicadas, editadas e traduzidas no Brasil entre os anos de 1960 (ano da publicação do Manual dos Arquivistas Holandeses pelo Arquivo Nacional) e 2006.

Os metadados consultados para a classificação dos livros como “livros de Arquivologia” foram: Título, Conteúdo e Autor. Os títulos deveriam conter as palavras arquivo, arquivologia, arquivística e suas derivações. O conteúdo dos livros deveria ser próprio da disciplina Arquivologia, ou seja, tendo como temas: avaliação, classificação, arranjo, descrição, teoria arquivística, terminologia arquivística, tecnologia aplicada aos arquivos, administração de arquivos, formação profissional de arquivistas e conservação aplicada aos acervos arquivísticos.

Assim, os livros publicados, editados e traduzidos no Brasil entre 1960 e 2006 encontrados por essa pesquisa foram os seguintes:

1. ALBORNOZ, Luiz Octavio M. **Arquivologia e Relações Humanas**. Rio de Janeiro: Ferreira, 2005. 152 p.
2. ARQUIVO DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Plano de classificação e tabela de temporalidade de documentos da administração pública do Estado de São Paulo: atividades-meio**. 1ª ed. São Paulo: Arquivo do Estado, 2005. 216 p.
3. ARQUIVO NACIONAL. **A conservação de documentos em seus diferentes suportes: recomendações básicas**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1986. 51p.
4. ARQUIVO NACIONAL. **Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005. 230 p.
5. ARQUIVO NACIONAL. **Manual de identificação de acervos documentais para transferência e/ou recolhimento aos arquivos públicos**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1985. 79 p.
6. ALMEIDA, Luiz Fernando Duarte de. **Administração de arquivos e documentos**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Confederação Nacional da Indústria, 1987. 100 p.
7. ALMEIDA, Luiz Fernando Duarte de. **Ensaio de sistemas de informação em arquivologia & documentação**. 1ª ed. Rio de Janeiro: TÊD, 1986. 97 p.
8. ARQUIVO PÚBLICO DO CANADÁ – Departamento de organização de arquivos correntes. **Arquivos correntes: organização e funcionamento**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1975. 116 p.
9. BARBOSA, Teresinha de Jesus Carvalho Mendes; SANTOS, Yara Ferreira dos. **Arquivo e Protocolo**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Escola do Serviço Público, 1990. 108 p.
10. BECK, Ingrid. **Manual de preservação de documentos**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1999. p. 75.
11. BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos Permanentes: tratamento documental**. 1ª ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991. 198 p.

12. BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Como fazer análise diplomática e análise tipológica de documentos de arquivo: elaboração de instrumentos de pesquisa**. 1ª ed. São Paulo: Arquivo do Estado de São Paulo: Imprensa oficial, 2002. 120 p.
13. BERNARDES, Ieda Pimenta. **Como avaliar documentos de arquivo**. 1ª ed. São Paulo: Arquivo do Estado, 1998. 89p.
14. CAMARGO, Ana Maria de Almeida; MACHADO, Helena Correa. **Como implantar arquivos públicos municipais**. 1ª ed. São Paulo: Arquivo do Estado de São Paulo: Imprensa Oficial, 1999. 87 p.
15. CAMARGO, Ana Maria de Almeida. BELLOTTO, Heloísa Liberalli (coord.). **Dicionário de Terminologia Arquivística**. 1ª ed. São Paulo: AAB-SP, 1996. 142 p.
16. CAMARGO, Ana Maria de Almeida. BELLOTTO, Heloísa Liberalli (coord.). **Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística**. 1ª ed. São Paulo: Cenadem, 1990. 163 p.
17. CARUSO, Luiz Aparecido (trad.). **Sistemas de arquivos e controle de documentos**. 1ª ed. São Paulo: Atlas, 1973. 212 p.
18. CARVALHO, Lourdes de Freitas. **Serviço de arquivo médico e estatística de um hospital**. 1ª ed. São Paulo: Associações Paulistas de Hospitais, 1977. 265 p.
19. CASSARES, Norma Cianflone (em colaboração com Cláudia Moi). **Como fazer conservação preventiva em arquivos e bibliotecas**. 1ª ed. São Paulo: Arquivo do Estado, 2000. 78p.
20. CASTANHO, Denise Molon *et. al*/ **Curso de Arquivologia da Universidade Federal de Santa Maria: 25 anos de história**. 1ª ed. Santa Maria: UFSM/CCSM, 2002. 54 p.
21. CASTILHO, Ataliba Teixeira de (org.). **A sistematização de arquivos públicos**. 1ª ed. Campinas: Ed. Unicamp, 1991. 169 p.
22. CASTRO, Astréa de Moraes e. **Arquivo no Brasil e na Europa**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1973. 124 p.
23. CASTRO, Astréa de Moraes e; CASTRO, Andresa de Moraes e; GASPARIAN, Danuza de Moraes e Castro. **Arquivística = técnica, arquivologia = ciência**. 1ª ed. Brasília: ABDF, 1985. 361 p.
24. CEDOC. **Procedimentos técnicos em arquivos privados/FGV**. 1ª ed. Rio de Janeiro: O centro, 1986. 101 p.
25. CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DA HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL. **Metodologia de organização de arquivos pessoais: a experiência do CPDOC**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. 104 p.
26. COLOMBO, Fausto. **Os arquivos imperfeitos – memória social e cultura eletrônica**. 1ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1991. 135 p.
27. CONSELHO INTERNACIONAL DE ARQUIVOS. **ISAD(G): Norma geral internacional de descrição arquivística**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2000. 119 p.

28. CÔRTE, Adelaide Ramos; ALMEIDA, Ieda Muniz de; ROCHA, Eulina Gomes; LAGO, Wilma Garrido do. **Avaliação de softwares para bibliotecas e arquivos**. 2ª ed. São Paulo: Polis, 2002. 219 p.
29. COUTURE, Carol; DUCHARME, Daniel; MARTINEAU, Jocelyne. **A formação e a pesquisa em arquivística no mundo contemporâneo**. 1ª ed. Brasília: Finatec, 1999. 190 p.
30. DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo – uma impressão freudiana**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. 130 p.
31. DUARTE, Zeny (trad.). **Preservação de documentos: métodos e técnicas de salvaguarda**. 2ª ed. Salvador: EdUFBA, 2003. 136 p.
32. DU BOSCOQ, Guy. **Organização do pré-arquivo**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1977. 78 p.
33. ESPOSEL, José Pedro Pinto. **Arquivos: uma questão de ordem**. 1ª ed. Niterói: Muiraquitã, 1994. 234 p.
34. ESPOSEL, José Pedro Pinto. **Noções prévias para elaboração de um manual de arquivo**. Niterói: São José, 1975. 72 p.
35. FARIA FILHO, Luciano Mendes de (org.). **Arquivo, fontes e novas tecnologias: questões para a história da educação**. 1ª ed. Campinas, SP: Autores Associados; Bragança Paulista: Universidade São Francisco, 2000. 160 p.
36. FILLIPI, Patrícia de; LIMA, Solange Ferraz de; CARVALHO, Vânia Carneiro de. **Como tratar coleções de fotografias**. 1ª ed. São Paulo: Arquivo do Estado: Imprensa Oficial, 2000. 84 p.
37. FONSECA, Maria Odila. **Arquivologia e ciência da informação**. 1ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005. 124 p.
38. GAGLIAND, Pedro Luiz Ricardo. **Arquivos Judiciais**. 1ª ed. São Paulo: Arquivo do Estado de São Paulo, 1985. 368 p.
39. GOMENSORO, Maria Lúcia de Coimbra. **Manual de Arquivo / sistema de arquivo**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Est. do Nordeste, 1977. 100 p.
40. GOMES, Francelino Araújo; HELLUY, Hâmida Rodrigues. **Manual de arquivo e documentação**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Interciência, 1976. 201 p.
41. GORBEA, Josefina Q. de. **Sistemas de arquivo e controle de documentos**. 1ª ed. São Paulo: Atlas, 1979. 212 p.
42. HELLUY, Hâmida Rodrigues. **Como organizar os arquivos**. 1ª ed. São Paulo: Cenadem, 1986. 68 p.
43. INDOLFO, Ana Celeste; CAMPOS, Ana M.V Cascardo *et. al.* **Gestão de documentos: conceitos e procedimentos básicos**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1995. 49 p.
44. JAMESON, Samuel Haig (org.). **Administração de arquivos e documentação**. 1ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 1964. 318 p.

45. JARDIM, José Maria; FONSECA, Maria Odila (orgs.). **A formação do arquivista no Brasil**. 1ª ed. Niterói: EdUFF, 1999. 202 p.
46. JARDIM, José Maria. **Sistemas e políticas públicas de arquivos no Brasil**. 1ª ed. Niterói: EdUFF, 1995. 196 p.
47. JARDIM, José Maria. **Transparência e opacidade do estado no Brasil**. 1ª ed. Niterói: EdUFF, 1999. 239 p.
48. LEITE, Maria Amélia Gomes. **Manual de arquivo**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Eletrobrás – Departamento de sistema de controle e telecomunicações, 1980. 87 p.
49. LOPES, Luís Carlos. **A gestão da informação: as organizações, os arquivos e a informática aplicada**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Aperj, 1997. 143 p.
50. LOPES, Luís Carlos. **A imagem e a sombra da arquivística**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Aperj, 1998. 110 p.
51. LOPES, Luís Carlos. **A informação e os arquivos: teorias e práticas**. 1ª ed. Niterói; São Carlos: EdUFF; EdUFSCAR, 1996. 142 p.
52. LOPEZ, André Porto Ancona. **Como descrever documentos de arquivo**. 1ª ed. São Paulo: Arquivo do Estado, 2002. 60p.
53. LÜCK, Esther Hermes; BOTTINO, Mariza; LOPES, Luís Carlos; JARDIM, José Maria; FREITAS, Lídia Silva de; BREGLIA, Vera Lúcia Alves; RODRIGUES, Mara Eliane Fonseca. **A informação: questões e problemas**. Niterói: Eduff, 1995, 84p.
54. MATTAR, Eliana (org.). **Acesso à informação e política de arquivos**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003. 136 p.
55. MACHADO, Helena Corrêa; CAMARGO, Ana Maria de Almeida. **Roteiro para implantação de arquivos municipais**. 1ª ed. São Paulo: Secretaria de estado da Cultura: Porto Calendário, 1996. 127 p.
56. MELLO, Maria Lúcia Horta Ludolf de. **O Arquivo Histórico e Institucional da Fundação Casa de Rui Barbosa**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1997. 188 p.
57. MULLER, S.; FEITH, J. A.; FRUIN, R. **Manual de arranjo e descrição**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1960. 145 p.
58. NAGEL, Rolf (coord.). **Dicionário de Termos Arquivísticos: Subsídios para uma terminologia arquivística brasileira**. 1ª ed. Bonn e Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1989. 110 p.
59. NOGUEIRA JUNIOR, Alberto. **Cidadania e direito de acesso aos documentos administrativos**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Renovar, 2003. 530 p.
60. PAULA, Rosalia Paraíso Matta de. **Como elaborar a tabela de temporalidade documental: racionalização de custos de armazenagem e administração de arquivos empresariais**. 1ª ed. São Paulo: CENADEM, 1995. 89 p.
61. PAES, Marilena Paes. **Arquivo: teoria e prática**. 2ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 1991. 162 p.

62. PRADO, Heloísa de Almeida. **Manual do arquivista**. 1ª ed. São Paulo: LEP, 1961. 140 p.
63. RICHTER, Eneida Izabel Schirmer; Nagel, Rolf. **Elementos de Arquivologia**. 1ª ed. Santa Maria e Bonn: UFSM, 1988. 125 p.
64. RICHTER, Eneida Izabel Schirmer; GARCIA, Olga Maria Corrêa; PENNA, Elenita Freitas. **Introdução à Arquivologia**. 1ª ed. Santa Maria: UFSM, 1997. 102 p.
65. RIO DE JANEIRO (ESTADO). Assembléia Legislativa. **Instrumento de política de gestão da informação arquivística da ALERJ**. 1ª ed. Rio de Janeiro: ALERJ, 1999. 56 p.
66. RONDINELLI, Rosely Curi. **Gerenciamento arquivístico de documentos eletrônicos: uma abordagem teórica da diplomática arquivística contemporânea**. 1ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002. 160 p.
67. SANTOS, Vanderlei Batista dos. **Gestão de documentos eletrônicos: uma visão arquivística**. 1ª ed. Brasília: Abarq, 2002. 140 p.
68. SCHELLENBERG, T. R. **Arquivos Modernos: princípios e técnicas**. 1ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 1973. 345 p.
69. SCHELLENBERG, T. R. **Documentos públicos e privados: arranjo e descrição**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1963. 344 p.
70. SCHELLENBERG, Theodore Roosevelt. **Manual de Arquivos**. 1ª ed. Salvador: Arquivo Público da Bahia, s/d. 193 p.
71. SILVA, Zélia Lopes (org.). **Arquivos, patrimônio e memória: trajetórias e perspectivas**. 1ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 1999. 154 p.
72. SMIT, Johanna Wilhelmina; KOBASHI, Nair Yumiko. **Como elaborar vocabulário controlado para aplicação em arquivos**. São Paulo: Arquivo do Estado, 2002. 55p.
73. TESSITORE, Viviane. **Como implantar centros de documentação**. São Paulo: Arquivo do Estado, 2002. 52p.
74. VALÉRIO, Antonio C. Gonçalves. *et al.* **Identificação de documentos em arquivos públicos**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1985. 51 p.
75. VALLETE, Jean-Jacques. **O papel dos arquivos na administração e na política de planificação nos países em desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1973. 63 p.
76. VIEIRA, Sebastiana Batista. **Arquivo funcional: como organizar na concepção de quem faz e usa**. Rio de Janeiro: Unitécnica, 1992. 81 p.
77. VIEIRA, Sebastiana Batista. **Técnicas de arquivo e controle de documentos**. Rio de Janeiro: Temas & Idéias, 2001. 115 p.

O total de livros encontrados foi de 77 obras. Desses, 57 autores são brasileiros (74%) e 9 são organizadores (11,6%) de livros que reúnem artigos de vários autores sobre temas específicos. Os livros de autores internacionais, traduzidos e publicados no Brasil, atingem o número de 12 (15,6%), considerando que a ISAD(G) não foi traduzida por um único autor, e

sim por uma comissão realizada pelo Arquivo Nacional. A média anual de livros publicados é 1,6 livro por ano. É importante destacar que essa pesquisa abrange o período entre 1960 e 2006, ou seja, 46 anos.

Os autores que mais publicaram foram Heloísa Bellotto, Ana Maria Camargo, José Maria Jardim e Luís Carlos Lopes com 4 livros (5,1%) cada um. Heloísa Bellotto publicou 2 (2,5%) livros - como coordenadora - sobre terminologia arquivística, 1 (1,2%) livro sobre arquivos permanentes e 1 (1,2%) livro sobre a elaboração de instrumentos de pesquisa. Ana Maria Camargo foi coordenadora juntamente com Heloísa Bellotto na publicação de 2 (2,5%) livros sobre terminologia e publicou outros 2 (2,5%) livros sobre implantação de arquivos municipais. José Maria Jardim publicou 1 (1,2%) livro sobre formação acadêmica como organizador, 1 (1,2%) livro sobre questões e problemas da informação juntamente com mais 6 docentes. Os outros 2 (2,5%) livros publicados por Jardim foram resultados de sua dissertação de mestrado e tese de doutorado que versaram sobre sistemas de políticas públicas de arquivos no Estado brasileiro e o Estado brasileiro como campo informacional – principalmente em informação arquivística – respectivamente. E por fim, Luís Carlos Lopes que publicou 2 (2,5%) livros sobre administração de arquivos, 1 (1,2%) livro que foi resultado de sua tese de pós-doutorado, tratando acerca da arquivística integrada e 1 (1,2%) livro sobre questões e problemas da informação – o mesmo no qual José Maria Jardim também colaborou.

Um aspecto que deve ser registrado é que foi encontrada uma considerável quantidade de obras estrangeiras nas bibliotecas pesquisadas, inclusive, livros em Português de Portugal, mas, como exposto anteriormente, não atendiam os critérios desta pesquisa, que identificou somente os livros publicados no Brasil. Apenas como uma referência utilitária, as obras estrangeiras estão disponíveis, principalmente, na biblioteca do Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (APERJ) e na biblioteca do Arquivo Nacional.

Maria Odila Fonseca (2005, p. 49) aborda a tradição manualística e suas limitações nos livros “A formação do arquivista no Brasil” (este, em co-autoria com José Maria Jardim), e “Arquivologia e ciência da informação”. Ela aponta que a partir da década de 1980, sob o pensamento do arquivista alemão Eckart Franz, houve mudanças revolucionárias na formação profissional em Arquivologia, entre essas mudanças está o que foi chamado por Franz “de nova onda de manuais”.

No entanto, sobre os manuais LOPES (1996, p. 49) considera que:

“(…) é fácil perceber a quase inexistência de rupturas filosóficas em um século de produção intelectual. A arquivística chegou até nós como conhecimento congelado, oriundo do passado, à qual se pode, segundo a tradição, aduzir derivações pragmáticas, mas não alterar o seu objeto básico

- os documentos - nem oxigená-la com os conhecimentos contemporâneos de diversas áreas”.

Nota-se que há uma necessidade de se questionar os manuais em razão do seu caráter pragmático e tecnicista como verificar também a ausência de literatura teórica na arquivística, pois para uma área que almeja ser reconhecida como disciplina científica urge que as suas bases teóricas sejam questionadas. (Silva et al. 2002, p. 19)

Diante do exposto, e de acordo com o exposto anteriormente, as obras listadas foram classificadas em manuais e não-manuais.

Em síntese, foram considerados manuais:

- os livros que tratam do fazer arquivístico;
- os livros cujos títulos usam verbos no infinitivo, como, por exemplo, fazer, organizar, avaliar, implantar, descrever, tratar, elaborar, etc.
- os livros cujos títulos contêm os termos manual, recomendações, organização, roteiro, técnicas, ou outras expressões que remetem à noção do “fazer”.

Foram considerados não-manuais:

- os livros que tratam de refletir sobre teorias, conceitos e políticas na área;
- os livros que tratam da terminologia arquivística.

A tabela a seguir mostra o resultado da classificação:

PUBLICAÇÕES	MANUAIS	NÃO-MANUAIS
1. ALBORNOZ, Luiz Octavio M. Arquivologia e Relações Humanas . Rio de Janeiro: Ferreira, 2005. 152 p.	X	
2. ARQUIVO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Plano de classificação e tabela de temporalidade de documentos da administração pública do Estado de São Paulo: atividades-meio . 1ª ed. São Paulo: Arquivo do Estado, 2005. 216 p.	X	
3. ARQUIVO NACIONAL. A conservação de documentos em seus diferentes suportes: recomendações básicas . 1ª ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1986. 51p.	X	
4. ARQUIVO NACIONAL. Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística . 1ª ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005. 230 p.		X
5. ARQUIVO NACIONAL. Manual de identificação de acervos documentais para transferência e/ou recolhimento aos arquivos públicos . 1ª ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1985. 79 p.	X	
6. ALMEIDA, Luiz Fernando Duarte de. Administração de arquivos e documentos . 1ª ed. Rio de Janeiro: Confederação Nacional da Indústria, 1987. 100 p.	X	
7. ALMEIDA, Luiz Fernando Duarte de. Ensaio de sistemas de informação em arquivologia & documentação . 1ª ed. Rio de Janeiro: TÊD, 1986. 97 p.	X	
8. ARQUIVO PÚBLICO DO CANADÁ – Departamento de organização de arquivos correntes. Arquivos correntes: organização e funcionamento . 1ª ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1975. 116 p.	X	
9. BARBOSA, Teresinha de Jesus Carvalho Mendes; SANTOS, Yara Ferreira dos. Arquivo e Protocolo . 1ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Escola do Serviço Público, 1990. 108 p.	X	
10. BECK, Ingrid. Manual de preservação de documentos . 1ª ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1999. p. 75.	X	
11. BELLOTTO, Heloísa Liberalli. Arquivos Permanentes: tratamento documental . 1ª ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991. 198 p.	X	
12. BELLOTTO, Heloísa Liberalli. Como fazer análise diplomática e análise tipológica de	X	

PUBLICAÇÕES	MANUAIS	NÃO-MANUAIS
documentos de arquivo: elaboração de instrumentos de pesquisa. 1ª ed. São Paulo: Arquivo do Estado de São Paulo: Imprensa oficial, 2002. 120 p.		
13. BERNARDES, Ieda Pimenta. Como avaliar documentos de arquivo. 1ª ed. São Paulo: Arquivo do Estado, 1998. 89p.	X	
14. CAMARGO, Ana Maria de Almeida; MACHADO, Helena Correa. Como implantar arquivos públicos municipais. 1ª ed. São Paulo: Arquivo do Estado de São Paulo: Imprensa Oficial, 1999. 87 p.	X	
15. CAMARGO, Ana Maria de Almeida. BELLOTTO, Heloísa Liberalli (coord.). Dicionário de Terminologia Arquivística. 1ª ed. São Paulo: AAB-SP, 1996. 142 p.		X
16. CAMARGO, Ana Maria de Almeida. BELLOTTO, Heloísa Liberalli (coord.). Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística. 1ª ed. São Paulo: Cenadem, 1990. 163 p.		X
17. CARUSO, Luiz Aparecido (trad.). Sistemas de arquivos e controle de documentos. 1ª ed. São Paulo: Atlas, 1973. 212 p.	X	
18. CARVALHO, Lourdes de Freitas. Serviço de arquivo médico e estatística de um hospital. 1ª ed. São Paulo: Associações Paulistas de Hospitais, 1977. 265 p.	X	
19. CASSARES, Norma Cianflone (em colaboração com Cláudia Moi). Como fazer conservação preventiva em arquivos e bibliotecas. 1ª ed. São Paulo: Arquivo do Estado, 2000. 78p.	X	
20. CASTANHO, Denise Molon <i>et. al</i> Curso de Arquivologia da Universidade Federal de Santa Maria: 25 anos de história. 1ª ed. Santa Maria: UFSM/CCSM, 2002. 54 p.		X
21. CASTILHO, Ataliba Teixeira de (org.). A sistematização de arquivos públicos. 1ª ed. Campinas: Ed. Unicamp, 1991. 169 p.	X	
22. CASTRO, Astréa de Moraes e. Arquivo no Brasil e na Europa. 1ª ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1973. 124 p.	X	
23. CASTRO, Astréa de Moraes e; CASTRO, Andresa de Moraes e; GASPARIAN, Danuza de Moraes e Castro. Arquivística = técnica, arquivologia = ciência. 1ª ed. Brasília: ABDF, 1985. 361 p.	X	
24. CEDOC. Procedimentos técnicos em arquivos privados/FGV. 1ª ed. Rio de Janeiro: O centro, 1986. 101 p.	X	
25. CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DA HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL. Metodologia de organização de arquivos pessoais: a experiência do CPDOC. 4ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. 104 p.	X	
26. COLOMBO, Fausto. Os arquivos imperfeitos – memória social e cultura eletrônica. 1ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1991. 135 p.		X
27. CONSELHO INTERNACIONAL DE ARQUIVOS. ISAD(G): Norma geral internacional de descrição arquivística. 1ª ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2000. 119 p.	X	
28. CÔRTE, Adelaide Ramos; ALMEIDA, Ieda Muniz de; ROCHA, Eulina Gomes; LAGO, Wilma Garrido do. Avaliação de softwares para bibliotecas e arquivos. 2ª ed. São Paulo: Polis, 2002. 219 p.	X	
29. COUTURE, Carol; DUCHARME, Daniel; MARTINEAU, Jocelyne. A formação e a pesquisa em arquivística no mundo contemporâneo. 1ª ed. Brasília: Finatex, 1999. 190 p.		X
30. DERRIDA, Jacques. Mal de arquivo – uma impressão freudiana. 1ª ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. 130 p.		X
31. DUARTE, Zeny (trad.). Preservação de documentos: métodos e técnicas de salvaguarda. 2ª ed. Salvador: EdUFBA, 2003. 136 p.	X	
32. DU BOSCOQ, Guy. Organização do pré-arquivo. 1ª ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1977. 78 p.	X	
33. ESPOSEL, José Pedro Pinto. Arquivos: uma questão de ordem. 1ª ed. Niterói: Muiraquitã, 1994. 234 p.		X
34. ESPOSEL, José Pedro Pinto. Noções prévias para elaboração de um manual de arquivo. Niterói: São José, 1975. 72 p.	X	
35. FARIA FILHO, Luciano Mendes de (org.). Arquivo, fontes e novas tecnologias: questões para a história da educação. 1ª ed. Campinas, SP: Autores Associados; Bragança Paulista: Universidade São Francisco, 2000. 160 p.		X
36. FILLIPI, Patrícia de; LIMA, Solange Ferraz de; CARVALHO, Vânia Carneiro de. Como tratar coleções de fotografias. 1ª ed. São Paulo: Arquivo do Estado: Imprensa Oficial, 2000.	X	

PUBLICAÇÕES	MANUAIS	NÃO-MANUAIS
84 p.		
37. FONSECA, Maria Odila. Arquivologia e ciência da informação . 1ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005. 124 p.		X
38. GAGLIAND, Pedro Luiz Ricardo. Arquivos Judiciários . 1ª ed. São Paulo: Arquivo do Estado de São Paulo, 1985. 368 p.	X	
39. GOMENSORO, Maria Lúcia de Coimbra. Manual de Arquivo / sistema de arquivo . 1ª ed. Rio de Janeiro: Est. do Nordeste, 1977. 100 p.	X	
40. GOMES, Francelino Araújo; HELLUY, Hâmida Rodrigues. Manual de arquivo e documentação . 1ª ed. Rio de Janeiro: Interciência, 1976. 201 p.	X	
41. GORBEA, Josefina Q. de. Sistemas de arquivo e controle de documentos . 1ª ed. São Paulo: Atlas, 1979. 212 p.	X	
42. HELLUY, Hâmida Rodrigues. Como organizar os arquivos . 1ª ed. São Paulo: Cenadem, 1986. 68 p.	X	
43. INDOLFO, Ana Celeste; CAMPOS, Ana M.V Cascardo <i>et al.</i> Gestão de documentos: conceitos e procedimentos básicos . 1ª ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1995. 49 p.	X	
44. JAMESON, Samuel Haig (org.). Administração de arquivos e documentação . 1ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 1964. 318 p.	X	
45. JARDIM, José Maria; FONSECA, Maria Odila (orgs.). A formação do arquivista no Brasil . 1ª ed. Niterói: EdUFF, 1999. 202 p.		X
46. JARDIM, José Maria. Sistemas e políticas públicas de arquivos no Brasil . 1ª ed. Niterói: EdUFF, 1995. 196 p.		X
47. JARDIM, José Maria. Transparência e opacidade do estado no Brasil . 1ª ed. Niterói: EdUFF, 1999. 239 p.		X
48. LEITE, Maria Amélia Gomes. Manual de arquivo . 1ª ed. Rio de Janeiro: Eletrobrás – Departamento de sistema de controle e telecomunicações, 1980. 87 p.	X	
49. LOPES, Luís Carlos. A gestão da informação: as organizações, os arquivos e a informática aplicada . 1ª ed. Rio de Janeiro: Aperj, 1997. 143 p.		X
50. LOPES, Luís Carlos. A imagem e a sombra da arquivística . 1ª ed. Rio de Janeiro: Aperj, 1998. 110 p.		X
51. LOPES, Luís Carlos. A informação e os arquivos: teorias e práticas . 1ª ed. Niterói; São Carlos: EdUFF; EdUFSCAR, 1996. 142 p.		X
52. LOPEZ, André Porto Ancona. Como descrever documentos de arquivo . 1ª ed. São Paulo: Arquivo do Estado, 2002. 60p.	X	
53. LÜCK, Esther Hermes; BOTTINO, Mariza; LOPES, Luís Carlos; JARDIM, José Maria; FREITAS, Lídia Silva de; BREGLIA, Vera Lúcia Alves; RODRIGUES, Mara Eliane Fonseca. A informação: questões e problemas . Niterói: Eduff, 1995, 84p.		X
54. MATTAR, Eliana (org.). Acesso à informação e política de arquivos . 1ª ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003. 136 p.		X
55. MACHADO, Helena Corrêa; CAMARGO, Ana Maria de Almeida. Roteiro para implantação de arquivos municipais . 1ª ed. São Paulo: Secretaria de estado da Cultura: Porto Calendário, 1996. 127 p.	X	
56. MELLO, Maria Lúcia Horta Ludolf de. O Arquivo Histórico e Institucional da Fundação Casa de Rui Barbosa . 1ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1997. 188 p.		X
57. MULLER, S.; FEITH, J. A.; FRUIN, R. Manual de arranjo e descrição . 1ª ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1960. 145 p.	X	
58. NAGEL, Rolf (coord.). Dicionário de Termos Arquivísticos: Subsídios para uma terminologia arquivística brasileira . 1ª ed. Bonn e Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1989. 110 p.		X
59. NOGUEIRA JUNIOR, Alberto. Cidadania e direito de acesso aos documentos administrativos . 1ª ed. Rio de Janeiro: Renovar, 2003. 530 p.		X
60. PAULA, Rosalia Paraíso Matta de. Como elaborar a tabela de temporalidade documental: racionalização de custos de armazenagem e administração de arquivos empresariais . 1ª ed. São Paulo: CENADEM, 1995. 89 p.	X	

PUBLICAÇÕES	MANUAIS	NÃO-MANUAIS
61. PAES, Marilena Paes. Arquivo: teoria e prática . 2ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 1991. 162 p.	X	
62. PRADO, Heloísa de Almeida. Manual do arquivista . 1ª ed. São Paulo: LEP, 1961. 140 p.	X	
63. RICHTER, Eneida Izabel Schirmer; NAGEL, Rolf. Elementos de Arquivologia . 1ª ed. Santa Maria e Bonn: UFSM, 1988. 125 p.		X
64. RICHTER, Eneida Izabel Schirmer; GARCIA, Olga Maria Corrêa; PENNA, Elenita Freitas. Introdução à Arquivologia . 1ª ed. Santa Maria: UFSM, 1997. 102 p.		X
65. RIO DE JANEIRO (ESTADO). Assembléia Legislativa. Instrumento de política de gestão da informação arquivística da ALERJ . 1ª ed. Rio de Janeiro: ALERJ, 1999. 56 p.	X	
66. RONDINELLI, Rosely Curi. Gerenciamento arquivístico de documentos eletrônicos: uma abordagem teórica da diplomática arquivística contemporânea . 1ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002. 160 p.		X
67. SANTOS, Vanderlei Batista dos. Gestão de documentos eletrônicos: uma visão arquivística . 1ª ed. Brasília: Abarq, 2002. 140 p.		X
68. SCHELLENBERG, T. R. Arquivos Modernos: princípios e técnicas . 1ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 1973. 345 p.	X	
69. SCHELLENBERG, T. R. Documentos públicos e privados: arranjo e descrição . 1ª ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1963. 344 p.	X	
70. SCHELLENBERG, Theodore Roosevelt. Manual de Arquivos . 1ª ed. Salvador: Arquivo Público da Bahia, s/d. 193 p.	X	
71. SILVA, Zélia Lopes (org.). Arquivos, patrimônio e memória: trajetórias e perspectivas . 1ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 1999. 154 p.		X
72. SMIT, Johanna Wilhelmina; KOBASHI, Nair Yumiko. Como elaborar vocabulário controlado para aplicação em arquivos . São Paulo: Arquivo do Estado, 2002. 55p.	X	
73. TESSITORE, Viviane. Como implantar centros de documentação . São Paulo: Arquivo do Estado, 2002. 52p.	X	
74. VALÉRIO, Antonio C. Gonçalves. <i>et al.</i> Identificação de documentos em arquivos públicos . Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1985. 51 p.	X	
75. VALLETE, Jean-Jacques. O papel dos arquivos na administração e na política de planificação nos países em desenvolvimento . Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1973. 63 p.	X	
76. VIEIRA, Sebastiana Batista. Arquivo funcional: como organizar na concepção de quem faz e usa . Rio de Janeiro: Unitécnica, 1992. 81 p.	X	
77. VIEIRA, Sebastiana Batista. Técnicas de arquivo e controle de documentos . Rio de Janeiro: Temas & Idéias, 2001. 115 p.	X	
TOTAIS	51	26

Do total de 77 (100%) publicações encontradas, 51 (66,2%) foram classificados como manuais e 26 (33,8%) foram classificados como não-manuais. Das 26 publicações consideradas como não-manuais, 7 livros (9%) são resultados de teses e dissertações, e 4 livros (5,1%) são sobre Terminologia Arquivística.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Alguns aspectos devem ser explicitados como forma de contextualizar e tornar nítidos os elementos que nortearam a pesquisa. Entre outros, destacam-se:

- a pesquisa foi restrita a quatro bibliotecas da cidade do Rio de Janeiro e à *internet*;

- uma razoável quantidade de livros não foi contemplada por não atender aos critérios estabelecidos por esta pesquisa (número de páginas, por exemplo);
- alguns livros podem ter sido publicados em outros estados que possuem instituições arquivísticas públicas ou instituições de ensino que possuem o curso de Arquivologia, cujos exemplares não constavam em nenhuma das bibliotecas pesquisadas.

Um outro aspecto a ser salientado é quanto à dificuldade para definir o que vem a ser um manual, apesar de alguns livros de Arquivologia terem esses nomes em seus títulos. A questão que fica é: Quais os critérios que levam a um autor a definir sua própria obra como um “manual”?

Observou-se, ainda, que nos últimos anos – principalmente nos anos 1990 – houve um aumento considerável na produção bibliográfica arquivística publicada no Brasil, tanto um aumento quantitativo, quanto qualitativo. No entanto, o aumento qualitativo está aquém de ser considerado suficiente para uma área que deseja alcançar o caráter de disciplina científica. A publicação criteriosa, mas sistemática, de teses de doutorado e de dissertações de mestrado (e até mesmo monografias de cursos de graduação) poderia diminuir essa lacuna. É claro que para isso, deverá ser observada a relevância para a área e a qualidade dos trabalhos produzidos para serem então publicados.

Por fim, entendemos que para que Arquivologia seja reconhecida como um campo do saber autônomo e reconhecida como uma disciplina científica, plenamente inserida nas Ciências Sociais Aplicadas, é necessário que haja uma maior produção bibliográfica e que esta contemple as demandas acadêmicas e profissionais. O aumento do número de cursos de graduação em Arquivologia no país e a crescente quantidade de arquivistas cursando mestrados e doutorados apontam para uma quantidade maior de docentes e pesquisadores engajados na construção do conhecimento arquivístico no Brasil. O que possibilita concluir que o desenvolvimento da Arquivologia como disciplina científica por meio da pesquisa está atrelado à produção acadêmico-científica, na qual se insere, por sua vez, a publicação de livros.

REFERÊNCIAS

ALBAGLI, Sarita. **Divulgação científica: informação científica para a cidadania?** Disponível em <http://www.ibict.br/cienciadainformacao/viewarticle.php?id=506&layout=abstract>. Acesso em 21 de agosto de 2006.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **Informação e documentação - Livros e folhetos – Apresentação. Projeto NBR 6029.** 2ª edição. Rio de Janeiro: ABNT, 2006. 10 p.

BRASIL. Lei 10.753, de 30 de outubro de 2003. **Institui a política nacional do livro.** Diário Oficial da União. Brasília, Diário Oficial da União do dia 31 de outubro de 2003.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos Permanentes: tratamento documental.** 2ª edição Rio de Janeiro: FGV, 2004.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida. BELLOTTO, Heloísa Liberalli (coord.). **Dicionário de Terminologia Arquivística**. 1ª edição. São Paulo: AAB-SP, 1996. 142 p.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. 2ª edição. Brasília: EdUnB, 1998.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 3ª edição. Curitiba: Positivo, 2004.

FONSECA, Maria Odila. **Arquivologia e ciência da informação**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

_____. O ensino da arquivologia e a literatura arquivística. In: JARDIM, José Maria; FONSECA, Maria Odila (Orgs.). **A formação do arquivista no Brasil**. Niterói: Eduff, 1999.

GALDINO, Karina. **Publicação dos trabalhos apresentados em Eventos: análise cienciométrica das comunicações apresentadas dos GT's do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom**. Trabalho apresentado no XVI Endocom - Encontro de Informação em Ciências da Comunicação. Disponível em http://www.portcom.intercom.org.br/institucional/a_rede/endocom/2004/Galdino.PDF, acessado em 21 de agosto de 2006.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss de sinônimos e antônimos da língua portuguesa / Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003. 1ª edição.

JARDIM, José Maria. **Sistemas e políticas públicas de arquivos no Brasil**. Niterói: Eduff, 1995.

_____. **Transparência e opacidade do Estado no Brasil: usos e desusos da informação governamental**. Niterói: Eduff, 1998.

_____. A produção do conhecimento arquivístico: perspectivas internacionais e o caso brasileiro (1990-95). In: JARDIM, José Maria; FONSECA, Maria Odila (Orgs.). **A formação do arquivista no Brasil**. Niterói: Eduff, 1999.

LOPES, Luis Carlos. **A informação e os arquivos: teorias e práticas**. Niterói: EDUFF; São Carlos: EDUFScar, 1996.

LOUREIRO, José Mauro Matheus. **Museu de ciência, divulgação científica e hegemonia**. Disponível em <http://www.ibict.br/cienciadainformacao/viewarticle.php?id=167&layout=abstract>, acessado em 21 de agosto de 2006.

MENDES, Isabel Amélia Costa; MARZIALE, Maria Helena Palucci. **As novas exigências da comunicação científica na era do conhecimento**. Disponível em www.scielo.br/pdf/rlae/v10n3/13336.pdf, acessado em 28 de agosto de 2006.

MIRANDA, Dely Bezerra de; PEREIRA, Maria de Nazaré Freitas. **O periódico científico como veículo de comunicação: uma revisão de literatura**. Disponível em <http://www.ibict.br/cienciadainformacao/viewarticle.php?id=503&layout=abstract>, acessado em 28 de agosto de 2006.

MULLER, S.; FEITH, J. A.; FRUIN, R. **Manual de arranjo e descrição**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1960. 145 p. Tradução de Manuel Adolpho Wanderlei.

OLIVEIRA, Érica Beatriz. **Produção científica nacional na área de geociências: análise de critérios de editoração, difusão e indexação em bases de dados**. Disponível em <http://www.ibict.br/cienciadainformacao/viewarticle.php?id=735&layout=abstract>, acessado em 21 de agosto de 2006.

SILVA, Armando Malheiro *et. al.* **Arquivística: teoria e prática de uma ciência da informação**. Porto: Afrontamento, 2002. 2ª edição.